

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
MARIA ODALÉIA BARBOSA RODRIGUES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Um estudo do comportamento
Linguístico dos alunos da área rural da Estrada de Beja.**

Abaetetuba / UFPA

2013

MARIA ODALÉIA BARBOSA RODRIGUES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Um estudo do comportamento
Linguístico dos alunos da área rural da Estrada de Beja.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, Parfor Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Prof.^a Lorena Freitas

Abaetetuba / UFPA

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R696p Rodrigues, Maria Odaléia Barbosa.
Preconceito linguístico : um estudo do comportamento
Linguístico dos alunos da área rural da Estrada de Beja / Maria
Odaléia Barbosa Rodrigues. — 2013.
32 f.

Orientador(a): Prof^ª. Esp. Lorena Freitas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Preconceito linguístico. 2. estudantes. 3. sala de aula. I.
Título.

CDD 306.44

MARIA ODALÉIA BARBOSA RODRIGUES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Um estudo do comportamento
Linguístico dos alunos da área rural da Estrada de Beja.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, Parfor Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Prof.^a Lorena Freitas

Banca Examinadora:

Presidente
Universidade Federal do Pará

Docente - Membro
Universidade Federal do Pará

Docente - Membro
Universidade Federal do Pará

Data: ____/____/____

Conceito:

Dedico ao meu filho pela paciência e compreensão na minha ausência, e aos meus pais pelo incentivo e por acreditarem na minha capacidade de concluir com sucesso mais uma etapa muito importante na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus porque sem sua presença em minha vida este trabalho não seria possível.

Ao meu filho Vitor, pela compreensão e paciência, aos meus pais, Raimundo e Odinéia, pois sem a ajuda e incentivo deles nunca conseguiria chegar ao final do curso e realizar esse sonho.

Aos meus irmãos, Ronaldo, Odilene e Odicélia que sempre estão do meu lado me dando todo apoio, em todas as etapas da minha vida.

A senhora Maria de Jesus e ao senhor José Anísio pela consideração e pelas preciosas palavras de conforto, palavras estas que nunca me deixaram desanimar.

Aos meus colegas de grupo: Adriana, José Maria e Michelle, Regiane, Tereza, Eldernay e Ruthelena, que souberam conviver de maneira harmoniosa, agradável e sempre mostraram-se dispostos a me ajudar em tudo que precisava, essas amizades foram cultivadas durante quatro anos e hoje posso afirmar que somos mais do que colegas de sala, somos “irmãos”.

A professora Lorena Freitas, pela eficiente orientação, onde pude contar com sua atenção, paciência, dedicação, compreensão, qualidades estas que me incentivaram a superar os meus limites e acreditar que sou capaz, a você querida, minha eterna gratidão.

Aos professores Eliel Barbosa e Elizabeth Vaz, com boa vontade, nos ajudaram com a elaboração da monografia, respondendo um questionário.

Ao Campus universitário e a Faculdade de Letras, representados por seus coordenadores e professores que sempre com competência doaram-se para contribuir com nossa formação profissional e principalmente pessoal.

“É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura [...]”. (Marcos Bagno)

RESUMO

O presente trabalho aborda o estudo linguístico dos alunos da zona rural da estrada de Beja e o preconceito linguístico que estes estudantes sofrem dentro da escola. As escolas, principalmente as públicas, são hoje frequentadas por alunos de diversas localidades que possuem manifestações e dialetos diferentes. O fato da língua ser condicionada e modelada pela realidade social e cultural faz dela um instrumento que representa reflexos significativos no processo de aprendizagem desses alunos. Tendo isso em vista, este trabalho se torna pertinente porque trata um tema muito importante para o ensino brasileiro atual: o preconceito linguístico como sendo um agravante na indisciplina dentro da sala de aula. No caso específico, a comunidade da área rural que possui seu próprio dialeto que é um dos fatores de discriminação e inferiorização do sujeito, incluindo sua história e sua cultura. Buscamos por meio da pesquisa bibliográfica consultar autores com reconhecida contribuição no que se refere a temática da pesquisa, tais como Bagno (2002), Benveniste (1989), Luft (2001).

A pesquisa de campo ocorreu na escola Estadual Esmerina Bou-habib. Para a coleta de dados foi aplicada duas entrevistas com sete questões para dois professores de língua portuguesa e outra com um grupo de alunos do 6º ano da mesma escola.

Palavras-chave: Preconceito linguístico, estudantes, sala de aula.

ABSTRACT

The present about the study linguistics of the students of the district farm of the road next Beja and the preconception linguistics that these students endure in the school. The schools, mostly the publics, are today haunter for students of some places that have manifestation and dialects different. The true of the language to be conditional and model for reality social and cultural do it an instrument that represent reflection meaningful on the process of learning these students. Have this in view, this work is may be pertinence because care of theme very important for the learning Brazilian actual: the preconception linguistics how being an aggravating on the indiscipline in the class of lesson. On the specifications case, the specify case, the community of the rural place that have your proprio dialect that is a of the coefficients of discrimination and inferior of the subjective, include your history and culture. Look for about of the inquiry bibliographic to consult authors with acknowledged contribution on the if reference the theme of the inquiry, such with Bagno (2002), Beveniste (1989), Luft (2001). The field inquiry happens on the Esmerina Bou-Habib high school. For data collection was applied two conferences with seven questions for two teachers of Portuguese language and other with group of students of the 6th year in same school.

Keywords: Preconception linguistics, students, class of lesson.

Objetivo Geral

- Promover uma reflexão sobre a problemática que envolve alunos que sofreram o preconceito linguístico dentro da escola.

Objetivos Específicos

- Identificar o conceito de Preconceito Linguístico.
- Investigar a concepção dos professores e alunos sobre o preconceito linguístico;
- Refletir sobre a maneira de como aluno e professor lidam com as variações linguísticas existentes dentro da sala de aula;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- LÍNGUA O INSTRUMENTO DA COMUNICAÇÃO.....	12
1.1- Definição de língua / linguagem.....	13
1.2- Conceito de dialeto.....	15
2- PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS ESCOLAS.....	16
METODOLOGIA	
1- Pesquisa Qualitativa.....	18
2- Histórico da Escola.....	18
3- ANÁLISE DOS DADOS.....	21
3.1- Respostas dos alunos.....	21
3.2- Respostas dos professores.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS.....	29

INTRODUÇÃO

Existem inúmeras formas de preconceito, mas um dos talvez mais praticados e menos discutidos é o preconceito linguístico. Entende-se por preconceito linguístico o julgamento desprezível contra determinadas variedades linguísticas, ou seja, é quando alguém critica o outro pela sua expressão verbal ou pela sua escrita. Como afirma Marcos Bagno, “preconceito linguístico é a atitude que consiste em discriminar uma pessoa devido ao seu modo de falar”.

Segundo Marcos Bagno (2002), o preconceito linguístico nasceu no meio social a partir da ideia de que só há uma única língua portuguesa correta, que é aquela ensinada nas escolas, está presente nos livros e dicionários e baseia-se na gramática normativa. Isso quer dizer que ao longo dos anos, a gramática normativa e a língua foram tratadas como uma coisa só, ou seja, o português que a gente aprende na escola é chamado de português padrão, cujas regras de composição são definidas pela gramática. O fato que a língua falada é muito mais viva e flexível do que as regras escritas naquele livrão grosso. Portanto língua falada e língua escrita são coisas totalmente diferentes. Apesar de ser muito importante a existência de uma norma que regulamente a escrita, e a torne homogênea, a mesma acaba servindo como instrumento de exclusão social, já que ao não reconhecer a língua como uma unidade viva em constante mudança, ela passa a ser utilizada como meio de distinção social daqueles que tem acesso a educação, e conseqüentemente mais poder aquisitivo e daqueles que não têm. Além disso, acaba gerando também o preconceito com determinadas construções linguísticas que variam de acordo com a cultura de onde o indivíduo está inserido.

É nítida a influência que a língua, um fator social, tem na vida de nós seres humanos. O modo de falar e escrever diz, ou pode dizer até mesmo de onde o falante se origina e em qual classe está inserido. Assim como o modo de se vestir, o modo de andar, a cor do cabelo, a cor da pele designam o nível social do falante. A fala e a escrita fazem parte de nosso cotidiano, e não devem ser confundidas como sendo a mesma coisa, porque a fala é inerente à pessoa, enquanto a escrita pode ou não ser aprendida, e geralmente o aprimoramento da escrita se dá nas escolas. Diante desse conhecimento percebeu-se a necessidade de fazer um estudo sobre o comportamento linguístico dos alunos da área rural especificamente da estrada de Beja da Escola Dom João Gazza que por não existir em sua localidade uma escola para darem continuidade aos seus estudos, deslocam-se para a área urbana e na

mesma sofre preconceito linguístico pelo seu modo de falar e por não conseguirem acompanhar corretamente a gramática normativa.

O presente trabalho tem como objetivo analisar como e quando ocorre o preconceito linguístico nas escolas, qual a posição dos educadores diante das tais situações e através de teóricos acharem soluções para o problema.

1- LÍNGUA: O INSTRUMENTO DA COMUNICAÇÃO

Fazemos parte de um grupo social que necessita se comunicar interagindo seus conhecimentos uns com os outros, e para isso se faz necessário usar a linguagem e a língua para expressar os nossos pensamentos; pois, ambas, estão ligadas ao meio social, e são sociais pelo fato de os indivíduos participarem efetivamente da sociedade fazendo usos destas. A linguagem e a língua são elementos de fundamental importância para nos relacionarmos uns com os outros, portanto buscamos definições para as mesmas no intuito de compreendê-las.

Para Benveniste (1963 apud Alkmim, 2001, p. 26) “dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”. Este direcionamento nos leva a compreender o quanto a língua está fortemente ligado ao campo social do ser humano, pois é através dela que homem e sociedade existem, nas formulações e reformulações das leis, dos pensamentos e das atitudes que os determinam mutuamente. Ainda Benveniste: [...] a língua contém a sociedade e por isto é o interpretante da sociedade.

Infelizmente, na nossa sociedade, o falante é visto como uma pessoa que fala bem ou mal e isso é uma visão extremamente equivocada, em que as pessoas só falam corretamente conforme as normas que estão escritas nas gramáticas.

É próprio do pensamento tradicional ingênuo supor que a gramática da língua está nos livros, e que os falantes, em maior ou menor grau, deformam a língua, provocando aquelas afirmações de que “todo mundo fala errado”, como se, primeiro, os gramáticos inventassem as regras, para depois os falantes obedecerem a elas e assim poderem colocar em prática o “falar”. (LUFT, 2001, p.85).¹⁵

A língua não fica parada no tempo ela se move evoluindo dia após dia. De acordo com Bagno (2002, p.117) “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento - toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”.

Diante do que já foi arguido, é hipocrisia ouvir alguém dizer que alguém falou errado porque não conjugou o verbo, como se a língua fosse um elemento estático, ninguém fala igual ao outro, as pessoas se expressam de formas particulares, algo próprio do indivíduo.

Temos que nos impor como falantes competentes e habilidosos de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe Português”, que

“Português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando para gramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes. (BAGNO, 2002, p.115).

Levando em consideração o desencadeamento exposto concluímos que a língua pertence ao campo social da interação dos seres humanos, a qual veicula os nossos pensamentos, desejos e emoções de forma diversificada. Além do mais, a língua reflete a cultura dos povos, contudo, sabendo que a sociedade é um campo de múltiplas faces e, por sua vez, a língua é o instrumento que transmite essas multiplicidades de caracteres, temos, então, a língua como uma realidade heterogênea.

1.1- **Definição de língua/linguagem**

Para Benveniste (2001 p.26), “A linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” (Idem, p.31). Logo língua e sociedade não podem existir uma sem a outra.

O mesmo autor afirma a questão da relação entre língua e sociedade se resolve pela consideração de língua como instrumento de análise da sociedade. Para ele a língua contém a sociedade e por isso é o seu interpretante. Esse papel de interpretante é garantido pelo fato de que a língua é “o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”. Mais exatamente: “a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceituar para interpretar tanto a natureza quanto à experiência” e as relações sociais que perpassam pela linguagem. (BENVENISTE, 1974, p. 99).

Segundo o referido autor, a língua permite que o homem se situe na natureza e na sociedade; o homem “se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou classe de produção”. (BENVENISTE, 1974, P. 101).

A língua é adquirida na sociedade, não é um sistema único, pronto e acabado, é resultado de situações sociais, culturais e geográficas diversas. “Porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda como tempo” (BAGNO, 2000, p. 22).

As diversas variações apresentadas pela língua falada dos brasileiros é resultado do contato da língua com o ambiente. Além das variedades geográficas causarem variações na língua, a língua também fica diferente quando é falada por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo, e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades, socioeconômicas, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc. “O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua do modo idêntico”. (BAGNO, 2002).

Com relação à linguagem, (TRAVAGLIA, 2002), defende três concepções para linguagem. Segundo o autor, a linguagem pode ser vista como expressão de pensamento ,quando as pessoas não se expressam bem é porque não sabem elaborar um pensamento. Se o enunciador expressa o que pensa, sua fala é resultado da sua maneira própria de organizar as suas ideias. A segunda diz que a linguagem é vista como instrumento de comunicação. Neste conceito a língua é vista como um código, que deve ser dominado pelos falantes para que as comunicações sejam efetivadas. A comunicação, pois, depende do grau de domínio que o falante tem da língua como sistema. O falante utiliza-se dos conceitos estruturais que conhece para expressar o pensamento; o ouvinte decodifica os sinais codificados por ele e transforma-os em nova mensagem. Já a terceira trata a linguagem como forma ou processo de interação. Nesta concepção o falante realiza ações, age e interage com o outro (com quem ele fala). Dessa forma, a linguagem toma uma dimensão mais ampla e não uniforme, pois inserindo num contexto ideológico e sociocultural, ela não tem direção preestabelecida – vão depender unicamente da interação entre os dois sujeitos.

1.2- **Conceito de dialeto**

Dialeto é acima de tudo uma entidade linguística, definida a partir dos critérios, geográfico, social e histórico. Os autores fazem referência ao critério social ou histórico, não deixam também de fazer referência ao geográfico que é o mais comum presente nas definições de dialeto. Os conceitos de dialeto são vários:

- (1)- Variedade regional de uma língua (Jota, 1976:104)
- (2)- Variações dependentes de fatores territoriais (Lopes, 1979:48)
- (3)- Forma de uma língua que tem seu próprio sistema léxico, sintático e fonético. (Dubois, 1973:184).
- (4)- Modo de falar particular a uma província ou cidade, e que apenas difere da linguagem geral do país na pronúncia, acentuação ou significação de algumas palavras. (Freire, 1940:1993).

Depois de várias pesquisas foram selecionadas três definições para dialeto, devido as mesmas apresentarem maior objetividade e clareza.

Segundo (Nascentes, 1953:16), dialeto se dá quando o falante domina sua língua e a expressa de maneira diferente, ou seja, possui sua maneira particular de falar, apesar de serem todos pertencentes a mesma região, dá impressão da sua fala ser distinta das falas vizinhas, em outras palavras, dialetos são línguas de grupos diferentes de pessoas no interior da comunidade linguística.

Dialeto (...) é a forma especial tomada por uma língua num dado domínio. Define-se por um conjunto de particularidades tais que seu agrupamento dá impressão de fala distinta das falas vizinhas, a despeito do parentesco que as une. (Nascentes, 1953; 16)

Segundo a autora Aragão (1983), para definir dialeto aborda em seu texto como sinônimo esses dois termos: dialetos ou falares regionais, para a mesma, dialeto é um falar regional restrito, mas que apesar de diferente está inserido ao sistema linguístico. “Cada língua ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de interseção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos.” (Aragão, 1983:17)

Para Cunha (1985), dialeto dentro de uma determinada localidade seria um sistema de sinais próprios separados de uma língua comum, ou seja, um determinado modo de falar se qualquer orientação da língua padrão. “Dialeto seria um sistema de sinais desgarrados de uma língua comum, viva ou desaparecida: normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem”. (Cunha 1985:37)

O português brasileiro, antes considerado como dialeto do português Europeu, hoje é determinado como língua nacional, o mesmo apresenta-se marcado por uma diferenciação lexical – provenientes da inserção de termos tupis e africanos na língua comum – e fonológica em relação ao português europeu, além da

diferenciação lexical e fonológica entre as línguas portuguesa europeia e brasileira, ocorre uma divisão das mesmas em sub-normas, as quais também apresentam diferenças fonológicas e lexicais entre si, determinando dialetos variados.

2- O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS ESCOLAS

Sabe-se que preconceito é a rejeição de algo, e quando isto é voltado para a língua, obviamente, é a não aceitação das diferenças do seu próprio idioma pelas pessoas de classes escolarizadas.

Segundo Bagno (2003) Quando nós, falantes escolarizados de uma variedade língua culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz “prantá” no lugar de “plantar”, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que nós não pertencemos àquela classe social, àquela comunidade “atrasada”, que não fazemos parte daquele grupo desprestigiado... Queremos deixar bem claro a distância social, econômica e cultural que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico (...). O preconceito linguístico está fortemente incorporado na sociedade, as pessoas escolarizadas zombam das diferenças de pronúncias feitas pelos indivíduos não escolarizados, contudo essas ações evidenciam as diferenças sociais, econômicas e culturais, mostrando-nos que não pertencemos àquela classe social. Daí brota o preconceito linguístico.

Assim, o preconceito linguístico segundo Bagno (2003), ocorre diante das variações que existem na língua de diferentes comunidades e isso é algo inaceitável, pois como já discutido no capítulo anterior a língua é peculiar de cada ser humano, de cada região, que expressa suas marcas linguísticas de forma diferenciadas e nenhuma pessoa se comunica da mesma forma que as outras.

Contudo, é preciso que se tenha o reconhecimento da variação linguística, respeitando os falares de cada indivíduo.

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere à variedade de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente.

Marcos Bagno, afirma que “(...) o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um

preconceito social, ou seja, não é a maneira de falar que sofre o preconceito mas a identidade social e individual do falante. Essa afirmação reforça o caráter social da linguagem e a exclusão social que ocorre por meio dela, aquele que não teve acesso dificilmente irá integrar-se à sociedade, isto é, permanecerá excluído ao acesso à cultura e a sociedade de modo geral.

Ao chegar à escola, o aluno se depara com um ambiente diferente, passa a ter contato com novas pessoas, passa a obedecer a regras, tudo se encontra em um único espaço o qual fará parte da formação desse aluno, preparando-o para o dia a dia. Quando a escola passa a tratar de forma diferenciada esse aluno, seja por cor ou classe social, os mesmos podem se sentir excluídos e isso pode acarretar graves consequências. Trabalhar a questão linguística na escola não é tarefa fácil, pois os alunos advêm de classes sociais diferentes e culturas próprias. Dizer que a maneira que falam é errado e afirmar que toda sua comunidade também fala errado. Deste modo, conforme Gnerre (1991, p. 06) :”Todo ser humano tem que agir verbalmente de acordo com [...] regras, isto é tem que ‘saber’: a) quando pode falar e quando não pode, b) que tipos de conteúdos referenciais lhes são consentidos, c) que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada.” Assim é missão do educador, juntamente com a escola, não desprezar a forma como o aluno fala e sim conscientizá-lo que sua forma de falar não está errado, mas existem situações que é necessário usarmos a norma-padrão.

O papel das instituições escolares deve ser o de ensinar o aluno que existe uma norma padrão, mas que também existem suas variações e que todos nós devemos identificar as situações nas quais utilizaremos uma em detrimento da outra, o aluno deve saber que não existe certo ou errado, apenas situações de uso, para que o aluno não ache que o dialeto caipira, por exemplo, é errado, ou que o jeito como seus pais se comunicam em casa, provavelmente informalmente, também é errado. O aluno como indivíduo inserido na comunidade escolar deve saber refletir, não só sobre o uso da língua, mas sobre todas as questões que afetam a relação entre os seres humanos de maneira geral.

METODOLOGIA

1- Pesquisa Qualitativa

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa de enfoque qualitativo, descritivo e exploratório. A pesquisa qualitativa considera as relações entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo entre o objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números e não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados. De acordo com Bryman (1989, p. 24), a ênfase desta abordagem de pesquisa é “captar as perspectivas e as interpretações das pessoas pesquisadas”.

A pesquisa de campo desenvolveu-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Esmerina Bou Habib, com uma turma de 35 alunos do 6º ano no turno da manhã e dois professores de Língua Portuguesa da mesma escola por meio de duas entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas. Após essa entrevista, realizou-se a análise dos dados coletados com seus respectivos resultados.

Os métodos e/ou estratégias mais comuns na pesquisa qualitativa são a pesquisa-ação e o estudo de caso. Na pesquisa-ação, o pesquisador participa da implementação e realiza intervenção técnica; já no estudo de caso, o pesquisador tem como objetivo conduzir uma pesquisa, e os pesquisadores são investigadores observadores, não participantes (MATTIODA, 2006, p.80)

O estudo do caso é um estudo de natureza empírica que investiga um determinado fenômeno, geralmente contemporâneo, dentro de um contexto real de vida, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto em que ele se insere não são claramente definidas. Trata-se de uma análise aprofundada de um ou mais objetos (casos), para que permita um amplo e detalhado conhecimento (GIL 1996).

2- Histórico da Escola

A Escola Estadual de 1º Grau Esmerina Bou Habib está localizada na Avenida São Paulo, nº 2445, bairro Aviação, foi criada inicialmente no ano de 1978 compondo salas emergentes para atender as necessidades de 274 alunos que se encontravam fora da escola, ressalta-se que neste período as aulas funcionavam na

antiga sede da Congregação dos Marianos o que originou o primeiro nome da mesma congregação funcionando apenas com duas turmas em cada turno (manhã, tarde e noite). Somente em 1979, passou a funcionar na sede do Vênus Atlético Clube situado na rua Primeiro de Maio na administração da professora Francisca Teodolina dos Santos da Costa. Já no ano de 1980, sendo construído o prédio próprio recebeu o nome de Escola Estadual de 1º Grau Esmerina Bou Habib, pelo preito de uma ex-professora de nossa cidade que desempenhou com nobre e honrosa profissão do magistério com amor e dedicação.

A escola foi construída na administração do Governador Alacid da Silva Nunes e o Secretário de Educação Dionísio João Hage. Iniciando suas atividades no dia 19 de maio de 1980, sendo inaugurada solenemente em 15 de agosto do referido ano.

A escola inaugural iniciou com dois blocos divididos em oito salas de aula e demais dependências. Em março de 1999 foi criado mais um bloco com quatro salas de aulas, agora na administração do Governador do Estado Almir Gabriel, totalizando atualmente 12 salas de aula.

A E.E.E.F.M. Esmerina Bou Habib, possui uma área total de 8.893,50 metros quadrado, sendo que 1.606,25 correspondem a área construída. O prédio se divide em quatro blocos interligados.

No primeiro bloco encontra-se a diretoria, a secretaria, sala dos professores, sala de recursos e uma sala de leitura funcionando nos turnos manhã, tarde e noite que passará a funcionar uma 5ª série em virtude da implantação provisória de uma sala de informática no primeiro bloco, na primeira sala, a copa e um pequeno salão que serve de área livre para o intervalo.

É importante frisar que nossa escola necessita de uma urgente reforma, ampliação de mais espaços pedagógicos e reparo e cobertura de nossa quadra para uma prática digna da educação física de nossos alunos.

A cozinha da escola é muito pequena pouco equipada de acessórios e quites de cozinha. Não dispõe de refeitório e nem de bancos com mesas para acomodação dos alunos, que merece ser registrado para que seja reestruturado e adequado. Para complementar as estruturas do primeiro bloco contaram com os banheiros masculinos, femininos e dos funcionários.

O segundo, terceiros e quarto blocos da escola são destinados as salas de aula e estão divididas em quatro salas por blocos, as mesmas são amplas, porém não possuem a devida ventilação e conforto para os nossos docentes e discentes.

A escola recebeu esse nome em homenagem a professora Esmerina Nunes Ferreira Bou Habib, uma pessoa que merece destaque especial na educação deste povo. Nasceu dia 13 de março de 1894, em Abaetetuba, filha de José Nunes Ferreira e Maria Marques Ferreira, formou-se na escola normal em Belém do Pará voltou para sua terra natal. Logo exercendo o cargo de diretora do Grupo escolar de Abaetetuba, onde trabalhou por mais de quarenta e cinco anos, e era admirada por todos, devido serem muito simples, humilde e acima de tudo amiga. Preocupava-se com as pessoas, procurava fazer o possível para ajudar de alguma forma a amenizar o sofrimento dos que a rodeavam. Casada com Jorge Antônio Bou Habib, durante quarenta anos, infelizmente não teve filhos, tornando-se então supermãe dos seus alunos. Professora, diretora e companheira, com indescritível carinho, conseguiram êxitos em seu trabalho, sendo nos dias atuais lembrada por todas as pessoas conscientes do bem que fez durante sua trajetória.

Atualmente a E.E.E.F.M. Esmerina Bou Habib funciona em três turnos e possui 1.205 alunos e 88 funcionários, conta com as seguintes dependências: sala dos professores, diretoria, secretaria, cantina, 02 salas de leitura, 02 depósitos, sala do Projeto Mais Educação, sala de informática, quadra poliesportiva e 12 salas de aula, recentemente no espaço interno da escola foi inaugurado uma lanchonete e uma pequena papelaria que conta com serviços de xerox, tudo sempre visando o bem estar dos alunos. A escola conta com uma sala de leitura que funciona apenas no turno da manhã e a tarde, devido o espaço ser pequeno as professoras da mesma atendem 15 alunos por turma, os alunos fazem trabalhos de pesquisa e também podem emprestar os livros para serem pesquisados em casa. Quando é promovidas palestras de incentivo à leitura as professoras usufruem do espaço da sala de informática, seu anexo funciona em prédio cedido pela esfera municipal na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Vicente Maués, e anexo, funcionando em prédio cedido pela esfera municipal na Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Vicente Maués.

Como em qualquer outra escola pública a comunidade escolar é diversificada, uma parcela é oriunda da zona rural, outra dos bairros, na maioria filhos de pessoas

que trabalham nos diversos empregos urbanos, assalariados e outros, por isso achamos melhor optar por escolher a referida escola para desenvolver a pesquisa.

No dia da pesquisa fomos bem recebida pela professora e seus alunos, no começo mostraram-se um pouco tímidos, mas depois que nos apresentamos e informamos que teríamos uma simples conversa, os mesmos ficaram mais a vontade e demonstraram mais interesse pronunciando-se com mais facilidade.

3-ANÁLISE DOS DADOS

3.1- Respostas dos alunos

As pesquisas se deram de forma qualitativa, a primeira pergunta para o grupo foi o que entendiam sobre preconceito, a maioria deles responderam que sabiam o que era, mas apenas três alunos responderam, o primeiro disse que é quando alguém tem a pele muito branca e o seu colega faz brincadeira de mal gosto com a cor da pele dele, chamando de “branquelo”, o outro aluno se pronunciou assim, é quando alguém chama para o outro de pedaço de carvão, só porque ele tem a pele um pouco mais escura que os outros, o terceiro aluno respondeu que o preconceito existe quando alguém faz piada com a cara do outro por serem, negros, muito magros, baixinhos ou usam óculos e outras coisas mais.

A segunda pergunta foi, o que você entende por preconceito linguístico, todo o grupo disse que não sabia do que se tratava.

Continuamos indagando fazendo a terceira pergunta, se conheciam algo sobre variação linguística, responderam também que não, logo deduzir que seus professores não haviam trabalhado com eles sobre o assunto.

Mas mesmo assim fizemos a quarta pergunta que foi se seu professor de língua portuguesa trabalha a variação linguística em sala de aula, é lógico que a resposta do grupo foi negativa.

Na quinta pergunta voltei a mencionar sobre o preconceito linguístico, se alguma vez sofreram esse tipo de preconceito na escola, o silêncio tomou conta do lugar, foi então que decidimos esclarecer o que é preconceito linguístico, dessa forma, cinco alunos afirmaram que sim, mas apenas uma aluna e dois alunos se pronunciaram, mostrando-se indignada a aluna disse que só porque ela morava em um ramal pertencente a área rural da cidade, alguns colegas da sua própria sala, riem do seu jeito de falar, e por isso dificilmente abre a boca para falar algo em sala de aula, alegou que conversa bastante na hora do recreio com os seus colegas pertencentes a mesma localidade, confessou que os mesmos não reparam na maneira como ela fala, porque falam do mesmo jeito. O primeiro aluno contestou que se ele quisesse continuar estudando precisou se acostumar com as críticas ao seu jeito de falar, disse que agindo desse jeito alguns de seus colegas até pararam mais de fazer brincadeiras de “mau gosto”. O segundo aluno, expôs sua resposta

dizendo que também era morador da área rural, especificamente da Estrada de Beja, percebemos que com muita tristeza o aluno disse que estava já a três anos na mesma série, explicou que era muito difícil trabalhar na roça para ajudar o pai no sustento da família e logo depois ter que ir para a escola, e na sala de aula sofrer com as críticas dos colegas, por ser pobre, negro e por falar errado, foi esse o motivo que levou o mesmo a cancelar seus estudos dois anos consecutivos, e esse ano estava tentando de novo e mais um problema estava enfrentando, que era a diferença de idade, o aluno afirmou que era conhecido como o vovô da sala.

A sexta pergunta dizia que a escola vendo esse tipo de preconceito tomou alguma providência, responderam que o local que onde aconteciam as críticas, era na sala de aula na presença da professora e a mesma não falava nada a respeito.

Encerramos com a sétima pergunta, que foi a seguinte, agora que vocês já tem conhecimento sobre o que seja preconceito linguístico, o ensino de língua portuguesa é um ensino preconceituoso, disseram que sim, porque a sua professora de língua portuguesa, sempre diz que eles devem aprender a falar usando a pontuação e acentuação adequada, precisam empregar corretamente o artigo, o pronome e conjugar também certinho os verbos, em fim estruturar as frases corretamente e aí só depois de compreender toda essa estrutura é que saberão se expressar corretamente. Disseram também que muitas vezes a professora corrige alguma palavra ou alguma frase que eles falam, como por exemplo, um determinado aluno falou, “nós vai”, aí a professora o corrigiu dizendo está errado, o certo é “nós vamos” e fica por aí, percebemos que eles tem curiosidade em saber porque os alunos geralmente da zona rural, tem a sua maneira própria de falar, já observaram que na escola de modo geral estudam muitos alunos das estradas, dos ramais e todos falam do mesmo jeito.

3.2- Respostas dos professores

Fizemos sete perguntas a dois professores, e primeira foi o que entendiam por variação linguística, o professor A respondeu, que a forma de falar pode ser realizada de várias maneiras, dependendo da situação em que o falante se encontra e da maneira como foi construído esse falar durante sua trajetória de vida. A esse fenômeno chamamos variação linguística. Já o professor B respondeu que falando de Brasil, somos falantes do português (brasileiros), um português que teve sua origem

no português de Portugal, mas que ao longo do tempo sofreu inúmeras alterações que acabou tornando-se uma variação, logo, podemos afirmar que falamos no Brasil uma variação do português de Portugal. Esse por sua vez, dado também pelo gigantesco tamanho do nosso país, sofreu influências e variações culturais, geográficas e sociais, e que atualmente o Português do Brasil é uma mistura de variações dialetais, as variações linguísticas manifestam-se nas inúmeras formas de se falar a mesma língua. Sotaques e dialetos, que misturam-se nos nossos muitos falares e que por sua vez retratam uma realidade diária de nosso país.

A segunda pergunta foi como explicavam os fenômenos da variação linguística em sala de aula, o professor A, responde que sim, pois o aluno precisa compreender as maneiras que sua língua se apresenta. O professor B respondeu que sim, diz para seus alunos que em uma cidade como Abaetetuba, que é um centro urbano, onde há pessoas de várias outras localidades e também possui uma extensão com dezenas de ilhas e ramais, é considerado normal, as muitas possibilidades de variação linguísticas, essa complexidade dialetal, naturalmente vai se revelar nas conversações e em sala de aula. Alunos de várias origens e pertencentes a meios sociais diversificados demonstrarão diferenciais linguísticos em suas interações comunicativas, o que não pode ser visto como algo que se possa medir ou quantizar buscando validar o que é certo ou errado.

A terceira pergunta foi como tratavam as variações linguísticas em sala de aula, O professor A diz que explica as diferentes formas em que a nossa língua se apresenta para que os alunos não critiquem ou sejam surpreendidos em determinadas situações do dia a dia. O professor B responde que como esse fenômeno linguístico é algo considerado totalmente normal em nosso país, devemos tratar as variações linguísticas como uma oportunidade de trabalhar a língua, demonstrando sua riqueza em multiforme uso, levando o aluno a adquirir a percepção de adequado e inadequado, e não de certo ou errado, pois todos os preconceitos linguísticos levam a uma minimização de nossa riqueza linguística.

A quarta pergunta foi quais os procedimentos que você faz quando o aluno realiza efetivamente uma regra não padrão da língua, O professor A tenta mostrar-lhe que esse modo de expressão é possível no ato comunicativo, porém ele também precisa saber a forma expressiva da linguagem padrão de sua língua. O professor B responde que o dialeto diferenciado em sala de aula deve ser visto como algo normal, e como uma grande oportunidade de se explicar sobre nossa diversidade

linguística. A apresentação da língua padrão faz parte do desenho curricular de língua portuguesa, entretanto ela não pode assumir posição de primazia em detrimento as outras formas, pois ao estigmatizarmos qualquer variante linguística, configura-se como preconceito linguístico, o que gerará exclusão de alguns alunos que possuam uma forma diferente de se comunicar. É certo que o aluno necessita aprender a forma padrão da língua, principalmente na modalidade escrita, pois somos medidos em provas, concursos, etc. Pelo nível de domínio dessa forma, o que não pode desvalorizar ou excluir as variantes em nossa cultura linguística.

A quinta pergunta se trata, o que você entende por preconceito, o professor A responde, é o preconceito atribuído a determinadas variedades linguísticas. Em cada região do Brasil a mesma língua é utilizada com variações essas que criam em certas situações preconceitos no modo de falar. Em certas situações determinados falantes consideram-se melhores do que outros, criando assim o que chamamos preconceito linguístico. O professor B compreende que, é todo tipo de ação que exclui algo ou alguém por ser diferente. Em nível linguístico esse preconceito é desvalorizar, criticar e/ou excluir formas diferentes do uso da língua, supervalorizando uma forma em detrimento a outras.

Questionamos na sexta pergunta como tratavam o preconceito linguístico na sala de aula, O professor A, diz que procura mostrar aos alunos que no ato comunicativo é importante a compreensão do que se escreve ou se ouve, independente de como isso é feito. É claro que faço percebê-los também a necessidade de conhecer a norma padrão da língua. O professor B já enfatiza, dizendo que, por vivermos em uma sociedade plural, todo e qualquer tipo de preconceito deve ser combatido, e no que diz respeito a língua, esse deve ser o procedimento, com o cuidado de não preconceituar o preconceito, que seria incoerente, mas através de ensinar, mostrar para o aluno que nossos dialetos configuram como uma riqueza linguística.

A sétima e última pergunta foi, se achavam que o ensino de língua padrão era válido para que o aluno conheça as múltiplas faces da língua, O professor A relata é evidente que sim. O aluno precisa está ciente da existência dessa língua padrão, pois em determinadas situações de comunicação ele precisará utilizá-la e até mesmo confrontá-la com as diversas variações em que ela pode se apresentar. O professor B diz que sim, como falamos, o ensino de língua padrão faz parte dos saberes incluso na matriz curricular de nossos alunos, logo, faz-se necessário seu

domínio, o cuidado que devemos ter é não transformar esse ensino como algo ortodoxo e único, pois já seria preconceito linguístico, entendemos que o segredo está no equilíbrio da adequação de seu uso, usar as variações como riqueza e possibilidades funcionais da língua e a língua padrão como o desafio de cada dia, considerando a complexibilidade da mesma, o uso da língua, mas sobre todas as questões que afetam a relação entre os seres humanos de maneira geral.

Cada um de nós que esteja comprometido com a luta contra as desigualdades sociais deve reconhecer que pessoas provenientes das camadas populares, falantes de diferentes variedades linguísticas têm o direito de conhecer a norma padrão sem, contudo, deixar de reconhecer a importância de seu dialeto e o motivo pelo qual ele vem sendo estigmatizado. Entendendo isto, o falante desta variedade não padrão será capaz não só de obter uma maior participação na vida política e lutar contra as desigualdades sociais que o discriminam, como adquirir um poder de transformar sua condição de excluído das relações sociais que norteiam sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito linguístico não existe, o que existe é um preconceito social, onde a sociedade discrimina o homem por ser negro, pobre deficiente, homossexual, e outros. Essas atitudes são intoleráveis, imaginemos só existir preconceito até no modo de falarmos nossa própria língua materna. A língua pertence a cada um de nós, está dentro de nós, faz parte da nossa vida, Bagno (2002, p.23). É importante deixarmos bem claro que não existem línguas inferiores ou superiores, nem línguas complexas, primitivas e desenvolvidas, o que há são línguas diferentes. Entender a língua como um fator social, vale compreendê-la como um objeto que pode sofrer mudanças, o que nos permite ainda refletir que devemos respeito a todos por sermos iguais, independente de sermos, índios, negros, brancos, pobres, ricos, analfabetos, ou de outra classe social.

Com relação a questões linguísticas, o preconceito social assume grandes proporções. Precisamos aceitar a língua portuguesa como a língua oficial dos brasileiros, portanto temos uma língua brasileira, com variações, com modificações e cheia de cultura. Discriminar a nossa língua é dar as costas aos nossos antepassados, a nossas origens. Tais considerações devem ser desenvolvidas e amadurecidas nas instituições escolares, pois é lá que são acolhidos alunos de várias localidades, o mesmo chega falando o português que aprendeu no meio em que vive, ou seja, no seio da comunidade que cresceu, que na maioria das vezes não é a língua padrão, que é o caso das comunidades da área rural, a escola deve acrescentar e não substituir a construção de saberes do aluno pela língua culta. Devemos ressaltar que também a escola deverá dar condições de levar o aluno a refletir que ser diferente não é uma deficiência, que a única diferença que separa, distingue de forma desigual e injusta as pessoas é o preconceito.

Diante da pesquisa deste trabalho, concluímos que existe o preconceito linguístico na referida escola sobre os alunos oriundos da área rural da cidade de Abaetetuba e que da parte da escola não estão sendo orientados com relação ao que seja o preconceito linguístico. Sabemos que na sala de aula o professor deve ser um profissional comprometido com a educação, além de estar consciente, que é responsável por parte da formação do caráter sujeitos capazes de transformar a realidade em que vivem.

Cada um de nós também devemos estar comprometidos com a luta contra as desigualdades sociais devemos reconhecer que pessoas provenientes das camadas populares, falantes de diferentes variedades linguísticas têm o direito de conhecer a norma padrão sem, contudo, deixar de reconhecer a importância de seu dialeto e o motivo pelo qual ele vem sendo estigmatizado. Entendendo isto, o falante desta variedade não padrão será capaz não só de obter uma maior participação na vida política e lutar contra as desigualdades sociais que o discriminam, como adquirir um poder de transformar sua condição de excluído das relações sociais que norteiam sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Linguística Aplicada aos Falares Regionais*. João Pessoa: a União Cia editora. 1983. P. 17
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **A norma oculta: Língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **O preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 12ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BENVENISTE, Emíle. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. **Vocabulário das instituições indo- europeias**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2v., 1995. (título original, 1969/1970)
- BRYMAN, Alan. **Research methods and organization studies**. London: Routledge, 1989. p.283
- CUNHA, Celso; COSTA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: editora nova Fronteira. 2ª edição, 1985. P. 04.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.B.; MEVEM, J.P. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultrix. 1995. P. 184-185.
- FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Noite Editora. V.II. 1940. P 1933.
- JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de Linguística**. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1976.p.104.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.50
- LOPES, Vitor P. *Língua Portuguesa: elementos de linguística*. Lello e Irmã Editores, 1979. p. 48-49.
- NASCENTE, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Edição da organização Simões, 2ª edição, 1953. p. 12-17.
- MATTIODA, Rosana Adami; FAVARETTO, Fábio. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATPOLICA DO PARANÁ programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas. **Qualidade de informação em empresas que utilizam Data Warehouse na perspectiva do consumidor de informação**. 2006. 175 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau**, 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

Entrevista para os alunos

- 1- O que você entende por preconceito?
- 2- O que você entende por preconceito linguístico?
- 3- O que você entende por variação linguística?
- 4- O professor de língua portuguesa trabalha as variações linguísticas?
- 5- Você já sofreu algum tipo de preconceito linguístico na escola?
- 6- A escola vendo esse tipo de preconceito tomou alguma providência?
- 7- O ensino de língua portuguesa é um ensino preconceituoso?

Entrevista para os professores

- 1- O que você entende por variação linguística?

- 2- Você explica esses fenômenos de variações da língua em sala de aula?

- 3- Como você trata essas variações em sala de aula?

- 4-Quais os procedimentos que você faz quando o aluno realiza efetivamente uma regra não padrão da língua?

- 5- O que você entende por preconceito linguístico?

- 6- Como você trata o preconceito linguístico na sala de aula?

- 7- Você acha que o ensino de língua padrão é válido para que o aluno conheça as múltiplas faces da língua? Por quê?